

PROBLEMA DA PESQUISA

Considerando a adolescência como uma operação da constituição psíquica, objetivamos com esta pesquisa discutir de que modo a passagem adolescente fica afetada pelas configurações do tempo no laço social atual. Partimos da seguinte interrogação: será que a propalada aceleração contemporânea participa de uma certa mutação nos tempos da constituição na passagem adolescente?

METODOLOGIA

Partindo da pesquisa psicanalítica, utilizamos a leitura dirigida pela escuta dos textos com a finalidade de construir um ensaio acerca da temática abordada (Iribarry, 2003). A leitura-escuta dos textos deu-se especialmente a partir de dois referenciais: a abordagem da adolescência como operação psíquica, desde a Psicanálise e a teoria da experiência na obra de Walter Benjamin. Através da mesma, foram criadas condições para a articulação dos conceitos. O material das reuniões do grupo de pesquisa -, nas quais discutiam-se os textos e alguns fragmentos do trabalho de extensão associado à pesquisa - foi sistematicamente gravado e transcrito, configurando o *corpus* da pesquisa. Consideramos, neste estudo, o pressuposto de que uma operação teórica é sempre um gesto metodológico, pois consiste no traçado de uma questão-problema do investigador. Importa ainda sublinhar que a ética da psicanálise não nos abandonou, mesmo se tratando de uma investigação que não abordou casos em análise.

PROBLEMATIZAÇÕES

A partir do tensionamento do material citado acima, foram sistematizadas algumas problematizações:

- De que modo o tema do empobrecimento da dimensão da experiência afeta os tempos da constituição na passagem adolescente? Como fica o tempo de compreender e o momento de concluir, postulados por Lacan e retomados por Bernardino (2004), diante dessas novas configurações?
- De que modo tais modificações associam-se a sintomatologia atual da adolescência?

1. A EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin, filósofo alemão, cunhou o conceito de experiência contrapondo-o ao conceito de vivência. A vivência, segundo Benjamin, seria uma forma de experiência isolada, que não faz laço, que não agrega nenhum valor coletivo. A experiência, pelo contrário, seria a possibilidade do vivido deixar marcas. Para que uma vivência decante em experiência, portanto, são necessárias condições que assegurem ao sujeito a possibilidade de, no tempo, ter uma outra relação com o que é vivido. Nesse sentido, entendemos que discutir a passagem adolescente, em meio às configurações do tempo e da experiência atual, é também um modo de pensar a temporalidade do sujeito. Segundo Kehl (2009), as formas atuais de atividade psíquica empobreceram-se em função das excessivas demandas que pesam sobre a consciência, tornando a percepção do tempo vivido vazia e urgente. Em meio a essas condições, nos perguntamos, como a restrição dos laços com o passado e com a memória impacta os modos de representação e, portanto, a constituição psíquica do sujeito na passagem adolescente?

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter (1933). Experiência e pobreza. In: _____. *Magia, técnica, arte e política*. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. Inconsciente, tempo e estrutura. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, n. 3, ago. 1999, p. 85-98.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é a pesquisa psicanalítica? *Ágora*, vol. 6, n. 1, Rio de Janeiro, jan/jun, 2003.

LACAN, Jacques (1944). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RASSIAL, Jean-Jacques. Psicose na Adolescência. In: *Escritos da Criança*, n.4, Porto Alegre, Centro Lydia Coriat, 1997, p. 87.

2. A ADOLESCÊNCIA E OS TEMPOS DO SUJEITO

Bernardino (1999) propõe que pensemos a estruturação do sujeito a partir dos três momentos do tempo lógico propostos por Lacan (1944/1998): o **instante de ver** que situa o tempo do infantil; o **tempo para compreender**, que instala o recalque, e opera a inscrição do significante, dando lugar à latência e, por fim, o **momento de concluir**, que situa a injunção que introduz o sujeito na crise da adolescência, precipitando-o na direção da interpretação. Neste terceiro tempo da inscrição é que se finaliza a constituição do **sinthome**. De alguma forma, é o que vemos acontecer na adolescência, o confronto do jovem com a demanda do ato, a necessidade de se posicionar, especialmente naquilo que é relativo ao lugar sexual. Nesse sentido, o conceito de estado-limite (Rassial, 1997, p. 87), também pode ser tomado como um efeito das novas condições do laço social atual. Tal estado refere-se a uma adolescência sem fim, quando se estabelece um vácuo no lugar do momento de concluir. A operação psíquica da adolescência ocorre como a inserção do novo na vida do sujeito, na medida em que é possível fazer a passagem do *infantil* ao *sinthome*, saindo do estado de suspensão entre a decisão de tomar o *sinthome* nas mãos e o vacilo de fazê-lo.

ALGUMAS ARTICULAÇÕES QUE DECANTAM DA PESQUISA

As configurações da cultura são também responsáveis pelas condições do desenlace da estruturação do sujeito. O adolescente, na busca de um lugar de enunciação, parecido com um novo nascimento, sofre com os efeitos do empobrecimento da experiência e das diferentes dobraduras do tempo - dentre elas, a ausência de diferença geracional que leva aos impasses com o terceiro tempo, o *momento de concluir*, tempo tão necessário ao êxito da operação psíquica da adolescência. Tais noções importam para que não nos precipitemos, por exemplo, lançando os jovens na fogueira dos diagnósticos contemporâneos, afinal suas adições, compulsões, hipercinesias, entre outros modos de sofrimento, talvez não passem de um “tempo de resistência psíquica”, ou, dito de outro modo, não passem de uma forma de intervalo necessária para elaborar as condições atuais desta passagem.